



AULAS PRÁTICAS DE ECOLOGIA NO ENSINO SUPERIOR: O USO DE ESPAÇOS FORMAIS E NÃO FORMAIS POR DOCENTES DA UFRPE

Silva, W. L.¹

Coutinho, A. S.¹; Anjos, C. S. G.¹; Lins e Silva, A. C. B.²; Farias, G. B.³

1 - Discente bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC/SESU) em Ecologia (wanylimas@gmail.com), Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Rua D. Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos Recife, 52.171 - 900, PE. 2 - Professora do Departamento de Biologia/ Área de Ecologia, Tutora do PET em Ecologia, UFRPE. 3 - Professor do Centro Acadêmico de Vitória/ Núcleo de Biologia, UFPE.

INTRODUÇÃO

Para a prática da Educação, reconhecem - se espaços formais e não - formais de ensino (Jacobucci, 2008). O espaço formal é o espaço escolar, que está relacionado às Instituições Escolares da Educação Básica e do Ensino Superior, definidas na LDB (Brasil, 1996). Entende - se que espaço formal é o conjunto de todas as dependências que limitam a instituição de ensino, como, por exemplo, a sala de aula. O termo “espaço não - formal” tem sido utilizado atualmente por pesquisadores em Educação, professores e profissionais de divulgação científica para descrever lugares, diferentes da escola, onde é possível desenvolver atividades educativas. Sugerem - se duas categorias para definir esses espaços: locais que são Instituições (p. ex. Museus, Centros de Ciências e Jardins Botânicos) e locais que não são Instituições (p. ex. parques, casas, ruas, praças e praias) (Jacobucci, 2008) Nos países de língua inglesa, são consideradas informais aquelas ações feitas em outros locais que não a escola (Marandino *et al.*, ., 2004). Essas definições facilitam o entendimento de professores para que adaptem suas aulas aos diferentes locais. Porém, o espaço não determina o tipo de educação que deve ser oferecida aos alunos e nem o tipo de conteúdo que será abordado. Há uma grande diferença entre espaço e educação. Moura (2005) reflete sobre essa questão e coloca que não são propriamente os cenários que determinam os tipos de aprendizagem. Alguns professores direcionam as aulas expositivas ou demonstrativas à sala

de aula, enquanto as aulas práticas e experimentais são limitadas a espaços não - formais. Porém, os espaços formais de ensino também podem ser usados para aulas práticas, a depender da abordagem e disposição do professor. Existem educadores que aplicam aulas tradicionais mesmo em uma visita a espaços não - formais de educação. Contudo, ainda existe uma preferência por parte dos professores por ministrarem aulas práticas em ambientes não - formais. Segundo Marandino (2009), ações educativas em espaços não formais não devem constituir uma negação da escola. Ao contrário, a articulação entre os espaços formais e não - formais torna - se fundamental, bem como a reflexão e o desenvolvimento de iniciativas educacionais que possam explorar todos os espaços do ensino e da divulgação.

OBJETIVOS

Identificar os espaços utilizados para realização de aulas práticas em Ecologia na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e analisar as estratégias didáticas utilizadas nesses espaços.

MATERIAL E MÉTODOS

Um estudo investigativo foi realizado com seis docentes da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que lecionam na área de Ecologia, no Departamento de Biologia. Os dados da pesquisa foram coletados por meio de

um questionário contendo cinco questões, uma fechada e quatro abertas, relativas às aulas práticas em Ecologia e aos espaços utilizados pelos professores na ministração das mesmas. Foi feita uma análise de conteúdo (Bardin, 2002; Franco, 2005) de acordo com a classificação dos espaços de educação: formal e não - formal.

RESULTADOS

Com relação ao tipo de espaço educativo, os professores afirmaram, em geral, que utilizam espaços não - formais institucionais para a ministração de suas aulas práticas: Reservas (sic) (Unidades de Conservação), Centros de Pesquisa (p. ex. Centro de Mamíferos Aquáticos/ Projeto Peixe - Boi) e Centros de Educação Ambiental (Refúgio Ecologico Charles Darwin), outras Universidades, Zoológicos, Agência Estadual de Meio Ambiente e IBAMA. Apenas um docente citou que usa espaços não - institucionais, como praias, manguezais, prados de angiospermas e matas. A maioria dos professores, 5/6, declarou usar espaços no *campus* da UFRPE para suas aulas práticas. Os espaços citados compreendem os formais, representados por sala de aula, sala de vídeo, laboratórios de informática e o Laboratório de Ciências Ambientais (LACA), além de espaços não formais no *campus*, tais como áreas de vegetação, gramados e estradas. Os tipos de aulas práticas realizadas nos espaços formais de ensino foram as mais variadas, incluindo equivocadamente seminários e discussões coletivas (de vídeos e artigos científicos). Entendemos que esta forma de abordagem não possibilita a experimentação, pois como descreve Freire (1997) para compreender a teoria é preciso experimentá - la. Já as práticas científicas foram descritas como análise de dados ecológicos, simulações de metodologia para quantificar indivíduos em uma população e construção de ecossistemas por meio de representações e objetos simples.

CONCLUSÃO

Os docentes demonstraram conhecimento sobre os diferentes tipos de espaços que podem ser utilizados em suas aulas. Porém, faz - se necessário um estímulo para que as práticas dentro do *campus* sejam mais efetivas, tendo em vista que a UFRPE possui 147 hectares, que incluem ambientes florestados, plantações, canteiros, praças e ambientes ripários. Esses ambientes não - formais podem ser mais explorados pelos professores. O uso do Zoológico e do Parque Estadual de Dois Irmãos também deve ser estimulado, visto que a universidade é privilegiada por sua localização e situa - se ao lado desta Unidade de Conservação, com 380 ha de Floresta Atlântica. É importante também para o professor adotar práticas em sala de aula que promovam a participação ativa do aluno, por meio de jogos, softwares, dentre outros, explorando as diversas possibilidades de mídias e tecnologias, retrabalhando - as com base em interesses e objetivos próprios e na realidade sociocultural em que se inserem (Marandino *et al.*, ., 2008).

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2002. BRASIL, Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Livre acesso pelo portal do Ministério da Educação "http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf" FRANCO, M. L. P. B. Análise do Conteúdo. Brasília, 2ª edição: Líber Livro Editora, 2005. JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não - formais de educação para a formação da cultura científica. Em extensão, Uberlândia, V.7, 2008. FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. MARANDINO. M. *et al.*, . Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos. São Paulo: Cortez, 2009. MOURA, Maria Teresa Jaguaribe Alencar de. Escola e Museu de Arte: uma parceria possível para a formação artística e cultural das crianças. Rio de Janeiro: Anais da 28ª Reunião Anual da ANPED, 1 - 18, 2005.